

MEMÓRIAS  
SENTIMENTAIS  
DE  
JOÃO  
MIRAMAR

← ANDRADE →

**Futurismo-açu**

MENOTTI DEL PICCHIA

**Oswaldo de Andrade**

MÁRIO DE ANDRADE

**Miramar na mira**

HAROLDO DE CAMPOS

**Posfácio**

ANTONIO ARNONI PRADO

Copyright © 2016 by herdeiros de Oswald de Andrade

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Jorge Schwartz e Gênese Andrade

ESTABELECIMENTO DE TEXTO: Maria Augusta Fonseca

PESQUISA E REVISÃO DO TEXTO OSWALDIANO: Gênese Andrade

CRONOLOGIA: Orna Messer Levin

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Elisa von Randow

IMAGEM DO AUTOR: Tarsila do Amaral, *Retrato de Oswald de Andrade*, 1922. Óleo sobre tela,  
51 x 42 cm. Coleção particular, São Paulo. © Tarsila do Amaral Empreendimentos.

PREPARAÇÃO: Leny Cordeiro

REVISÃO: Ana Luiza Couto, Carmen T. S. Costa, Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Oswald de, 1890-1954.

Memórias sentimentais de João Miramar / Oswald de  
Andrade ; textos de Menotti Del Picchia, Mário de Andrade,  
Haroldo de Campos ; posfácio de Antonio Arnoni Prado. — 1ª ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2741-2

1. Andrade, Oswald de, 1890-1954 – Crítica e interpretação
2. Romance brasileiro 1. Andrade, Mário de, 1895-1945. II.  
Campos, Haroldo de, 1929-2003. III. Título. IV. Série.

16-03168

CDD-869.9309

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira : História e crítica 869.9309

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# MÁRIO

9	<b>MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR</b>
93	Nota sobre o estabelecimento de texto
95	Futurismo-açu <i>Menotti Del Picchia</i>
99	Osvaldo de Andrade <i>Mário de Andrade</i>
109	Miramar na mira <i>Haroldo de Campos</i>
145	Posfácio — Transgressão e irreverência <i>Antonio Arnoni Prado</i>
149	Leituras recomendadas
151	Cronologia

## À guisa de prefácio

**JOÃO MIRAMAR ABANDONA** momentaneamente o periodismo para fazer a sua entrada de homem moderno na espinhosa carreira das letras. E apresenta-se como o produto improvisado e portanto imprevisto e quiçá chocante para muitos, de uma época insofismável de transição. Como os tanks, os aviões de bombardeio sobre as cidades encolhidas de pavor, os gases asfixiantes e as terríveis minas, o seu estilo e a sua personalidade nasceram das clarinadas caóticas da guerra.

Porque eu continuarei a chamar guerra a toda esta época embaralhada de inéditos valores e clangorosas ofensivas que nos legou o outro lado do Atlântico com as primeiras bombardas heroicas da tremenda conflagração europeia.

O glorioso tratado de Versalhes, que pôs termo à loucura nietzschiana dos guerreiros teutões, não foi senão um minuto de trégua numa hora de sangue. Depois dele, assistimos ao derramamento orgânico de todas as convulsões sociais. Poincaré, Artur Bernardes, Lenine, Mussolini e Kemal Paxá ensaiam diretivas iné-

*ditas no código portentoso dos povos, perante a falência idealista de Wilson e o último estertor rubro do sindicalismo. Quem poderia prever a Ruhr? Quem poderia prever o “pronunciamento” espanhol? E a queda de Lloyd George? E o telefone sem fio?*

*Torna-se lógico que o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos. Se no meu foro interior, um velho sentimentalismo racial vibra ainda nas doces cordas alexandrinas de Bilac e Vicente de Carvalho, não posso deixar de reconhecer o direito sagrado das inovações, mesmo quando elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!*

*Esperemos com calma os frutos dessa nova revolução que nos apresenta pela primeira vez o estilo telegráfico e a metáfora lancinante. O Brasil, desde a idade trevosa das capitânias, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justicadores. Época nenhuma da história foi mais propícia à nossa entrada no concerto das nações, pois que estamos na época do desconcerto. O Brasil, país situado na América, continente donde partiram as sugestões mecânicas e coletivistas da modernidade literária e artística, é um país privilegiado e moderno. Nossa natureza como nossa bandeira, feita de glauco verde e de amarelo jalde, é propícia às violências maravilhosas da cor. Justo é pois que nossa arte também o queira ser.*

*Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será esse o Brasileiro do Século XXI? Foi como ele a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo paradoxalmente para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos — é à violação das regras comuns da*

*pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir “a grande forma da frase”, como diz Miramar pro domo sua.*

*Memórias sentimentais — por que negá-lo? — é o quadro vivo de nossa máquina social que um novel romancista tenta escalar com a arrojada segurança dum profissional do subconsciente das camadas humanas.*

*Há, além disso, nesse livro novo, um sério trabalho em torno da “volta ao material” — tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão d’Outono, em Paris.*

*Pena é que os espíritos curtos e provincianos se vejam embaraçados no decifrar do estilo em que está escrito tão atilado quão mordaz ensaio satírico.*

MACHADO PENUMBRA

### **1. O pensieroso**

Jardim desencanto

O dever e procissões com pálios

E cônegos

Lá fora

E um circo vago e sem mistério

Urbanos apitando nas noites cheias

Mamãe chamava-me e conduzia-me para dentro do oratório de mãos grudadas.

— O Anjo do Senhor anunciou à Maria que estava para ser a mãe de Deus.

Vacilava o morrão do azeite bojudo em cima do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres não têm pernas, são como o manequim de mamãe até embaixo. Para que pernas nas mulheres, amém.

### **2. Éden**

A cidade de São Paulo na América do Sul não era um livro que tinha cara de bichos esquisitos e animais de história.

Apenas nas noites dos verões dos serões de grilos armavam campo aviatório com os berros do invencível São Bento as baratas torvas da sala de jantar.

### **3. Gare do infinito**

Papai estava doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

#### **4. Gatunos de crianças**

O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada.

E funâmbulos cavalos palhaços desfiaram desarticulações risadas para meu trono de pau com gente em redor.

Gostei muito da terra da Goiabada e tive inveja da vontade de ter sido roubado pelos ciganos.

#### **5. Perigo das armas**

Entrei para a escola mista de D. Matilde.

Ela me deu um livro com cem figuras para contar a mamãe a história do rei Carlos Magno.

Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãe botou no fogo a minha Durindana.

#### **6. Maria da Glória**

Preta pequenina do peso das cadeias. Cabelos brancos e um guarda-chuva.

O mecanismo das pernas sob a saia centenária desenrolava-se da casa lenta à escola pela manhã branca e de tarde azul.

Ia na frente bamboleando maleta pelas portas lampiões eu menino.



## **7. Felicidade**

Napoleão que era um grande guerreiro que Maria da Glória conheceu em Pernambuco disse que o dia mais feliz da vida dele foi o dia em que eu fiz a minha primeira comunhão.

## **8. Fraque do ateu**

Saí de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espetado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tic tac da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

## **9. Bolacha Maria**

Passava os dias na sala violeta de Monsieur Violet. Ele nunca abria a janela da rua mas eram quatro horas por causa de uma escola da vizinhança que os meninos passavam conversando e jogando tostão e bolinha.

Lá dentro uma máquina de costura saía da gare.

Amanhecia na saleta abandonada pelo mestre. Era Madô de meias baixas saias curtas e pela mão vacilante nos palmitos o último rebento dos Violet. Ficava sorrindo pesquisando meus livros desenhos mapas do secreto Mundo.

O guri despegava a mãozinha do braço distraído e fazia a volta científica da poltrona e gritava cabelos amostras.

Ela era um jorro das mangas rendadas das pernas loiras abertas.

Iam-se numa procissão de passos. Longe a máquina voltava à plataforma quieta da costura.

#### **10. Derrapage**

Não disse nada do que queria dizer a Madô.

Um dia surpreso entrei num ajuntamento junto à casa porque o professor tinha ficado defunto carteiro e havia um pobre caixão na sala de velas.

A viúva envelhecida era um peito de tábuas. E num canto Madô chorava o destino das Madalenas.

#### **11. Colégio**

Malta escabriavam salas brancas e corredores perfeitos com barulhento fumoir na aula de desenho de Seu Peixotinho.

O diretor vermelho saía do solo atrás da barriga e da batina.

E com modos autoritários simpatizou cínico comigo o ruivo José Chelinini.

#### **12. Cidade de Rimbaud**

Mamãe queria que eu fosse o melhor dos alunos mas na abertura esplanada onde os outros bolavam caía vida do tinir das forjas e dos bondes no recorte de apitos e pregões.

A campainha era um badalo de sonoridades.

A grita meridiana estourava bola de sabão na queda entre os goals dum último kick de altura.

E recolhiam-se os retardatários às filas formadas para eu deixar de escutar a cidade última atrás da carranca em andor dos vigilantes.

### **13. Mudança**

Na casa de tia Gabriela havia o espaço de meus livros num sofá fronteiro para mamãe me olhar.

A família parenta chegou de noite da Fazenda Nova-Lombardia com a governante implicante e o sistema Kneipp nos pés das primas jambos. Criados e criadas negrinhas e uma manteiga diferente.

### **14. Um primo**

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranquilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeiras amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

### **15. Conselhos**

No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo. Pantico não tivera educação desde criança e por isso amava vagamundear. Que diriam as famílias de nossas relações que me vissem em molecagens gritantes ou com servos? Só elas é que devíamos frequentar.

Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações.

### **16. Butantã**

Prima Nair que estava interna com as irmãs bochechudas Célia e Cotita noutra colégio mandou uma carta ao Pantico dizendo assim:

“Já sabes que estou na classe amarante? As meninas aqui não são tão maliciosas como no internato de Miss Piss. Mas... nunca vi que espírito civilizado elas têm. Pois como elas não têm moços para namorar elas namoram-se entre si. Todas têm um namorado como elas dizem e é uma outra menina: uma faz o moço e outra a moça.

E quando elas se encontram, se beijam como noivos. Por mais que não se queira ficar como elas, inconscientemente fica-se. As meninas de agora não são como as de outro tempo. Logo nascerão sabendo. Uma de seis anos não é inocente; já tem desde pequenas aqueles olharezinhos que mais tarde servirá para a malícia. Eu só comecei saber a vida aos dez anos. Hoje em dia com sete já se sabe tudo!”

### **17. Por exemplo**

José Chelini punha rabos-levas em minhas teorias maternais.

Era um perdido, mas comprava aos quilos a apologética dos colegas. Filho de cereais varejos, tilintantava moedas no tonel dos bolsos e minguaos brotos de aristocracias tinham-lhe seráficos silêncios para cacholetas aporreantes. O Pitta, primeiro da classe, fonava-lhe as lições de latim e de inglês.

E à saída juntavam-se narizes pernaltas com livros face à carrocinha metálica esperando-o no beco de sorvetes.

### **18. Informações**

Gustavo Dalbert numa noite de cabelo e cigarro disse-me que a arte era tudo mas a vida nada. Ele era músico e ia morar em Paris comigo, o amigo e jovem poeta João Miramar. Havia um outro artista na vizinhança, o Bandeirinha barítono e outros poetas na cidade.

### **19. Bicicleta de Onã**

De Águas Enxutas por sob galhos quituteiros de tias longes o Pantico desterrado em férias escreveu-me:

“Já mandei duas cartas para mamãe pensando que elas chegaram quanto antes mas até hoje não chegaram.

Estou aqui sem nenhum divertimento. O rio é muito perigoso e pequeno. E também não tem meninos. Passo os dias que nem na fazenda que não tinha nada para fazer senão vícios. Vou fazer como lá se mamãe não quisesse mandar a bicicleta que já estou pedindo”.

## **20. Rumo sensacional**

Fomos devolvidos aos maços de dois e três pelo portão colegial onde vínhamos de ter a última aula de tantos anos.

Poeta e misantropo Seu Madureira fizera-nos um adeus de discurso. Partíamos na direção da vida — estrada onde havíamos de encontrar muitas vezes abismos recobertos de flores.

Calados num ângulo do Triângulo separamo-nos com um abraço em José Chelinini que ia para o comércio.

## **21. Claque**

O pano escuro enquadrava a boca do céu por onde lá embaixo Gisella Doni cantaria a Princesa dos Dollars e os habitués do galineiro sentavam-se ao nosso lado.

Iam chegando músicos e primeiras caras desocupadas punham-se nos furos da plateia. Eu desejava secretamente Gisella.

Degraus enchiam confusas escalas de flauta e rabecadas de afinação. A plateia formava público para o meu amor.

E quando camarotes palmas e frisas puxavam a casaca do maestro, num silêncio a partitura lançava a batuta bulhentemente.

## **22. Maçonaria**

Avessos aos favores da cidade íamos perna aqui perna ali eu e Dalbert de sorte excepcional.

Ruas quartos a chave bars desertos vibrações revoltas adultérios ênfases.

A estacada foi num casarão azul em vol-plané sobre o val-de-lírios inculto do Anhangabaú.

A coroa do Teatro Municipal punha patetismos pretos no vermelho das auroras noturnas.

O João Jordão que não era artista nem nada aparecia magro e uma tarde arranjou o subsídio governamental para estudar pintura em Paris.

### **23. Quiromancia**

O Bandeira barítono lia o Belmiro Braga e baldava esperanças de entrar para a diplomacia como diplomata. Fazia-se vaticínios perante o pai de calva gramática.

E mostrava-nos versos dizendo-se partidário da poesia vagabunda mas cheia de alma. Tinha ido passar uma semana gigolette na pensão da Georgina em Santos.

Deixávamo-lo pela noite de desoras e partíamos cear em Nápoles com pizzas escarradas de tomate e queijo e um vinho recém-vindo pelo noturno de Caserta.

Abria guignol de sonho realejo rítmico rebentador de valsas ao ar estrelado.

Depois, de cima, pensão de artistas, caíam pingos profundos de Chopin na comida.

### **24. Guilhotina**

Comboiado pelos nervos críticos do Dr. Limão Bravo fui impelido na carretilha de cenários perante o coração de Gisella.

As barbas alemãs de um médico beijavam cerimoniosas mãos de atrizes. Mangas de camisas e bombeiros com peda-

ços de floresta impressionista rolavam ordens do céu como de praias verticais.

Ela jogou seu endereço como um níquel à minha gravata declaração de amor.

## **25. Amigo da família**

Morava em cinco andares rua de São Bento. Eu levava-lhe por noites paralelas um colete de veludo rapa-pé com jornais melados.

E minha mãe coberta de beijos deixou que eu fosse ver em Santos o mar dos embarques.

Que nem alma danada vi descer o primeiro Natal longe de casa na consolação duma dedicatória com fotografia. E a despedida esfacelou-se num corredor escuro de cabinas.

## **26. Alexandre o Grande**

Dalbert de subsídio e trombone ia partir para a conquista da Europa.

Descemos de cigarro vagaroso pelos círculos da cidade pelas cruzes dos bars em tête-à-tête com o futuro.

Vi-o entre um italiano e uma casquette loira no intervalo dos guindastes negros do cais que agitavam braços de despedida.

## **27. Férias**

Dezembro deu à luz das salas enceradas de tia Gabriela as três moças primas de óculos bem falados.

Pantico norte-americanava.

E minha mãe entre médicos num leito de crise decidiu meu apressado conhecimento viajero do mundo.

## **28. Porto saído**

Barracões de zinco das docas retas no sol pregaram-me como um rótulo no bulício de carregadores e curiosos pois o *Martha* largaria só noite tropical.

A tarde mergulhava de altura na palidez canalizada por tram-polins de colinas e um forte velho. E brutos carregavam o navio sob sacos em fila.

Marinheiros dos porões fecharam os mastros guindastes e calmos oficiais lembrando ombros retardatários.

A barriga tesa da escada exteriorizou os lentos visitantes para ficar suspensa ao longo dos marujos loiros.

Grupos apinharam o cais parado.

## **29. Manhã no Rio**

O furo do ambiente calmo da cabina cosmoramava pedaços de distância no litoral.

O Pão de Açúcar era um teorema geométrico.

Passageiros tombadilhavam o êxtase oficial da cidade encravada de crateras.

O *Martha* ia cortar a ilha Fiscal porque era um cromo branco mas piratas atracaram-no para carga e descarga.

## **30. Cabotagem**

No dia seguinte e outros o litoral do Brasil olhou calvas serranias patriotas.

À mesa quebravam-se toilettes com sons de cores e caras de fanfarra e pressas de criados.

Uma italiana de olhos imóveis chupou-me como um grog. Chamava-se Madame de Sevri.



A cara bexigosa de um argentino de óculos equilibrava em minha mesa os bigodes chilenos dum universitário dos Andes.

As senhoras grávidas engordavam em exíguas gaiolas no tombadilho. E antes pelo contrário, Mademoiselle Sarah era magra e virginal e cacarejava à noite no salão acompanhada ao piano por um espadachim admirativo.

### **31. Primeiras latitudes**

A costa brasileira depois de um pulo de farol sumiu como um peixe. O mar era um oleado azul. O sol afogado queimava arranha-céus de nuvens.

Dois pontos sujaram o horizonte faiscando longínquos bons dias sem fio.

Os olhos hipócritas dos viajantes andavam longe dos livros — agora polichinelos sentados nas cadeiras vazias.

As antenas ruivas do capitão do *Martha* sondavam naufrágios nos rochedos de Madame de Sevri.

À noite no jardim d'inverno havia festas do Pocinho em torno do dedicado e gordo médico de bordo.

Um cônsul do Kaiser em Buenos Aires viajava como uma congregação.

E até horas compridas quando os grumetes traziam o mar em baldes para cima da mesa de jogo, as rugas dum inglês tour du monde minuciosamente bebiam.

### **32. Rolah**

Uma bola de vidrilhos rodava atrás de uma cabeça loira. A bola dava gritos e chamava-se Madama Rocambola.

Entravam às oito infalíveis horas fazer na sala do pequeno almoço proveitosa degustação. E Rolah trazia ao meu céu de cinema um destino invencível de letra de câmbio.

### **33. Veleiro**

A tarde tardava, estendia-se nas cadeiras, ocultava-se no tombadilho quieto, cucava té uma escala de piano acordar o navio.

Madama Rocambola mulatava um maxixe no dancing do mar.

Esquecia-me olhando o céu e a estrela diurna que vinha me contar salgada do banho como estudara num colégio interno. Recordava-me dos noivados dormitórios das primas.

Uma tarde beijei-a na língua.

### **34. Tenerife**

Apitos na cabina estranha estoparam o *Martha* na madrugada.

No cosmorama do leito duas linhas de luzes marcavam a flutuação de Santa Cruz de Tenerife. A terra depois de dez dias tinha negros comovais humanos.

Binóculos sintetizaram a cidade dormindo para nossa pressa. Sons lestos de campainha ancoraram o navio noturno.

As rugas do inglês passaram e a coberta repontou de cabeças catalogadas.

A ilha saía inteira da manhã saída do mar.

E sobre a cidade dado montes montaram.

### **35. Terra firme**

A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona.

Adivinhado na neblina o rochedo de Gibraltar deu para os binóculos mediterrâneos as primeiras costas da Europa.

E a sombra de Montjuich com luzes marcou a noite em que Madame de Sevri teve rasgões no jardim de batiste.

Levei nossa despedida para uma ceia de calamares por pequenas ruas com grandes casas estreitas e tortas dando dorso à rambla rindo de casquette e xales.

### **36. Hotel de Russie**

Enfarruscamento viário para primeiro grupo e outros de casa gris que o trem desprezava com arvoredo e letras reclamativas sentinelandando a linha.

Pontas alcançadas, a gare subterrânea d'Orsay presenteou-me Dalbert seco como um chicote de polainas.

A pachorra das ruas molhadas beirou num táxi beiras sem folhas do Sena té populosas construções.

E tardes seguiram arcos da Rue de Rivoli com Joanas Darc em áureos potros impávidos para a espada longe da Torre Eiffel na panóplia de goles.

### **37. A Madô do começo**

Era filha puberdade do dono do restaurante de olhos azuis.

As pátrias longínquas cresciam no inverno da sala como legumes tardios. E o escuro da escada subia quedas ao sétimo andar.

Sonhamos um livro de viagens.

### **38. Paralelamente**

Dalbert sabia pedir goudron-citron nos bars com aventuras midinettes. Passara leito para casa diversa e fugas de expansões pianais e cachimbos sozinhos. Carlosgomava cinco atos sucos d"O rapto das Sabinas".

E tinha rendez-vous com Sarah Bernhardt nas horas bemóis do Luxemburgo.

### **39. Cerveja**

Empalada na límpida manhã a Alemanha era uma litografia gutural quando os corações meu e de Madô desceram malas em München.

Paredes enormes davam comida a portais góticos. Um príncipe de Baviera chegou para as calçadas perfiladas e gordas hurrarem a carruagem que entrou no povo por mitrados cavalos sólidos.

E um bardo garganteou entre bocks na fumaça sonora de valquírias.

### **40. Costeleta milanese**

Mas na limpidez da manhã mendiga cornamusas vieram sob janelas de grandes sobrados.

Milão estendia os Alpes imóveis no orvalho.

### **41. Vaticano**

Raffaello Sanzio d'Urbino

Ventania

Muitos lençóis

E rabanadas esportivas de profetas

Bento que Bento

Frades no Pincio

Na boca do forno

Fornarina

— Faremos todos com muito desgosto o que seu mestre mandar.

— Cada qual pinte assim que nem Raffaello.

E a ventania pegou nos Berninis empetecados para o assombro educado das manadas Cook.

— It is very beautiful!

Mas são Francisco não acreditaria nas transfigurações bem desenhadas.

## **42. Sorrento**

Velhas velas cigarras

Brumais no mar vesuviano

Com jardins lagartixas e doiradas mulheres

Entre muros de uvas aleias

De fartos pomares

Insetos piedigrottas

Roendo caixas de fósforo

Trigonometrias brancas

No crepe azul de água napolitana

Longe cidade sesta quieta

Entre écharpes tiradas de costas

Ponteando cinzas índigos de montes

Um inglês velho dormia de boca aberta como uma boca enegrecida de túnel sob óculos civilizados.

O Vesúvio esperava ordens eruptivas de Thomas Cook & Son.

E uma mulher de amarelo informava a um esportivo em camisa que o casamento é um contrato indissolúvel.